

23-07-2020

# Olha o breque!

## Classes sociais e a pedagogia da Greve

**Paulo Victor R. de A. Lira**

[Sanitarista. Mestre em Saúde Pública]

Como é premissa básica da saúde do trabalhador fazer as ações com os trabalhadores, início a coluna deste mês indicando o podcast “REVOLUSHOW” que abordou em seu programa 80 o “breque” dos trabalhadores de aplicativos ([veja](#)). O programa conta com a participação de “lideranças” do movimento de entregadores antifascistas (Paulo Galo, Tirza Drumond e Matheus Souza) e do sociólogo Ricardo Antunes). E é justamente o “breque dos entregadores de app” o tema da nossa coluna mensal. No último 1º de julho ocorreu a Greve nacional dos entregadores de aplicativos (APPs), uma paralisação de 24 horas, com ampla mobilização em diversas cidades brasileiras (Belém, Rio Branco, Aracaju, Recife, Maceió, Teresina, Salvador, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo, Piracicaba, Porto Alegre).

As mobilizações giraram em torno de pautas básicas para a reprodução social dos trabalhadores, como: aumento do valor por quilômetro rodado; aumento do valor mínimo da entrega; fim dos bloqueios indevidos; auxílio pandemia (Equipamentos de Proteção Individual - EPI e direito a licença) e auxílio lanche (G1, 2020; MARIN, 2020). Vale ressaltar o aumento expressivo de cadastros de trabalhadores nestes aplicativos de entrega a partir do início da pandemia no país (março 2020), o que reduz ainda mais os valores pagos aos mesmos por entrega (MARIN, 2020). Para além das necessidades básicas reivindicadas que contaram com grande base de apoio social, evidenciado pela queda nos pedidos no dia 01/07 e as avaliações negativas destes aplicativos nas lojas de APPs, as greves têm como possibilidade o avanço no movimento da consciência de classe. Um dos elementos que parece ficar mais evidente é a ideologia empreendedora enquanto uma farsa, onde parte dos entregadores passam a se ver como trabalhadores mergulhados na precarização do trabalho. Mas, para adentrar essa temática, é necessário discutir um ponto anterior: as classes sociais ainda têm relevância nas mudanças/não mudanças nas determinações econômicas, políticas, culturais, ou seja, ainda atuam como sujeitos coletivos na história? Ou as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo não nos permitem mais elencar isso? Iasi (2011) aproxima-se da temática. O autor embasado em uma abordagem marxiana das classes sociais, evidencia elementos que afastam as constituições

destas de maneira mecanicista e prescritiva. Logo, aspectos objetivos e subjetivos são fundamentais para a constituição de uma classe social e a consciência dos indivíduos que fazem parte desta. De maneira resumida e ainda incompleta, são elencadas as determinações relativas: (i) à posição dos indivíduos em relação à propriedade ou não propriedade dos meios de produção; (ii) à relação social que estes indivíduos estabelecem na sociedade, sumariamente de compra e venda da força de trabalho; (iii) à consciência que se aproxima ou se distancia de determinada posição de classe; e (iv) à ação dessa classe nas lutas concretas em determinada sociedade.

Obviamente que essas determinações não ocorrem de maneira homogênea, nem são estruturas fixas para a definição de um “conceito” de classe social.

Mas, ao observamos a greve dos entregadores de App é possível evidenciar elementos que caracterizam estes trabalhadores enquanto parte da classe trabalhadora.

Apesar disso parecer óbvio, é importante ressaltar que muitos destes trabalhadores, mesmo estando em uma relação de venda da força de trabalho e de não possuírem os recursos sociais de produção, identificam-se ideologicamente com posições políticas da classe dominante. Já tratamos desse aspecto na coluna de fevereiro ([veja](#)). Ora, não é estranho nem incomum encontrar trabalhadores que defendam medidas do governo Jair Bolsonaro, mesmo que estejam submetidos a condições e relações sociais que os identifiquem como parte da classe trabalhadora. É justamente neste ponto específico que processos organizativos podem, lembremos que sempre enquanto alternativa, desencadear em ganhos de consciência de classe, compreendendo este ganho sempre enquanto movimento dinâmico da sociedade e como processo individual e coletivo ao mesmo tempo. O “Breque dos APPs” além de sinalizar as péssimas condições de trabalho, saúde e o assalariamento disfarçado pelo empreendedorismo, também abre possibilidades de avanço na organização destes trabalhadores enquanto classe. No entanto, é necessário ressaltar que isso não ocorre de maneira automática.

Mas, sem dúvidas, este “breque” de um dia sinaliza as potencialidades da organização coletiva e a atualidade da compreensão da sociedade capitalista calcada no movimento da luta de classes. Não fiquemos na “arqui bancada da luta de classes”, é fundamental se solidarizar com as reivindicações dos trabalhadores e trabalhadoras de APPs.

Saúde do(a) trabalhador(a) está diretamente associada ao processo de organização e luta da classe trabalhadora.

Construir coletivamente alternativas que ajudem na mediação das necessidades básicas imediatas para bandeiras de lutas mais amplas também é nossa obrigação! ■ ■ ■

#### Referência:

- G1. Entregadores de aplicativos fazem manifestações pelo país.
- Iasi, Mauro. O conceito e o não conceito de classes em Marx. In: Iasi, M. Ensaio sobre consciência e emancipação. SP: Expressão Popular, 2011. Cap.5. p. 101-121.
- Marín, Pedro. A greve de entregadores e o direito à saúde. 2020. ([veja](#))

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*